



INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

Fernando Cezar **Ripe**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

fernandoripe@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto tem por objetivo problematizar, através de um viés pós-estruturalista, sob a perspectiva discursiva, a questão da constituição do sujeito docente durante um Curso de Especialização de Matemática (IMAT-UFRGS). Para tanto, utilizo-me das referências teóricas produzidas por Michel Foucault, bem como a noção de *dispositivo pedagógico* de Jorge Larrosa as quais podem nos possibilitar investigar como discursos e práticas discursivas tomam forma e, assim, podem regular e sujeitar a prática dos docentes. Esta comunicação científica consiste em um recorte da dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chaves: Formação Continuada de Professores de Matemática, Incitação à Reflexão, Dispositivo Pedagógico, Engenharia Didática.

Introdução

Apresento neste texto algumas discussões teóricas e empíricas que venho realizando em minha pesquisa de Mestrado, intitulada por: **MODOS DE DIZER E VER EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: a incitação à reflexão como dispositivo em um curso de formação continuada**. Tal pesquisa está sendo realizada no Curso de Especialização para professores de Matemática a Distância – MATEMÁTICA – MÍDIAS DIGITAIS – DIDÁTICA: Tripé para Formação do Professor de Matemática, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

O objetivo desta produção é caracterizar a incitação à reflexão, presentes no processo de avaliação do Curso de Especialização, como sendo um *dispositivo pedagógico* que, supõem-se, constrói significados e atua decisivamente na formação dos sujeitos professores através da regulação e controle das práticas pedagógicas.

A Engenharia Didática¹ constitui-se como instrumento de avaliação, bem como metodologia de pesquisa, a qual é entendida como sendo uma ferramenta que auxilia a sistematizar a prática de investigação das experiências pedagógicas desenvolvidas, pelos alunos-professores que frequentam o Curso, em sala de aula.

As análises realizadas, até o momento, indicam que as Engenharias Didáticas, em especial as reflexões que emergem dos escritos produzidos pelos alunos-professores, postas em funcionamento pelo Curso de Especialização, podem ser vistas como dispositivos pedagógicos que constituem determinados modos de dizer-se e ver-se professor de matemática.

Destaco que até o momento foram analisadas cerca de 41 Engenharias Didáticas e, na investigação realizada sobre o material destacam-se alguns escritos que chamam a atenção pela sua recorrência, bem como por sua vontade de verdade. Duas materialidades comunicativas se destacam nestas produções. A primeira indica que o ensino (da mesma forma os conteúdos) de matemática deve estar articulado com saberes que são mobilizados no cotidiano do educando. Com efeito, o docente pesquisador atribui relevância – pelo menos em sua escrita – para a incorporação de atividades que são realizadas “fora da sala de aula”, no ensino e aprendizagem de matemática escolar. Na segunda emergem dos escritos a indicação da utilização de ferramentas tecnológicas como potencializadores do processo de ensino e aprendizagem de matemática.

A fim de empreender uma analítica do que foi dito, destaco alguns excertos dos alunos-professores que me chamaram a atenção pela sua recorrência, bem como por sua vontade de verdade sobre a importância de relacionar conteúdos matemáticos com diferentes práticas não-escolares desenvolvidas pelos discentes:

*“utilização de problemas com soluções **relacionadas ao cotidiano dos alunos**”.*

“Os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo de Matemática e, por meio deles, o aluno desenvolve um tipo especial de

¹ Termo emprestado da metodologia de pesquisa, criada pelos autores franceses da área de Educação Matemática – em especial Michele ARTIGUE, Guy BROUSSEAU e Régine DOUADY. A “*engenharia*” desenvolvida no Curso se organiza em três etapas: a primeira consiste em uma **reflexão pessoal** a respeito das abordagens usuais de ensino de um determinado conteúdo ou habilidade matemática. A segunda considera um plano de ensino de uma prática docente. A terceira etapa é a descrição da prática docente, na qual o aluno-professor compara os resultados efetivos com as hipóteses que foram formuladas. Dentre os itens que compõem a avaliação das Engenharias Didáticas destaca-se aquele que verifica **a qualidade e a profundidade da reflexão do aluno-professor**.

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

*pensamento que lhe **permite compreender, descrever e representar, de forma organizada e concisa o mundo em que vive**”.*

*“a dificuldade que os alunos apresentam em **resolver problemas contextualizados**”.*

*“O aluno passa a entender através de **explicações, conhecimentos de figuras que estão em nosso cotidiano, representados às vezes por uma caixa de bombom, uma bola de futebol, um prato ...etc**”.*

Através destes escritos, podemos perceber a recorrência que indica que o ensino de matemática deve basear-se na “realidade” vivida pelo educando. Esses enunciados dos alunos-profesores apontam para uma construção de significados do ensino que considera as experiências pessoais e coletivas de forma dinâmica e contextualizadas. Também, podemos entender estes enunciados como parte de um discurso que promove a reflexão e autorreflexão das práticas pedagógicas de matemática.

De forma análoga, através da análise das engenharias didáticas, também pude perceber que emergem nos escritos a indicação da utilização de ferramentas tecnológicas como potencializador do processo de ensino e aprendizagem de matemática. Destaco alguns excertos que promovem a utilização das mídias:

*“Por fazer parte do cotidiano dos alunos, penso que **a tecnologia possa contribuir na construção dos significados** da aprendizagem de matemática. E acredito, enfim, que essa proposta nas aulas de matemática, além de ser algo novo para esses alunos, possibilita um ambiente de interação entre o objeto de estudo da aula, o professor e os alunos. Com isso, pretendo que a aprendizagem seja mais significativa e possibilite construir determinados conceitos de uma forma mais relevante”.*

*“O conteúdo foi definido de modo que os alunos percebam a importância do mesmo na vida cotidiana, **usando como recurso o Geogebra** [software geométrico], **despertando o interesse, que poderão motivá-los a estudar este tema**”.*

*“ Para o desenvolvimento dessas atividades, **penso que o software Geogebra, é uma excelente ferramenta**; esperando aumentar o interesse dos educandos e explorando suas curiosidades, tão presentes nessa fase escolar”.*

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

“A finalidade do presente estudo é analisar a contribuição de um software de geometria dinâmica para a compreensão de conceitos relacionados a triângulos, em contraste com os resultados apresentados por alunos que tomaram contato com o mesmo conteúdo através das representações estáticas do quadro de giz ou dos livros didáticos, que são as ferramentas mais utilizadas pelos professores”.

“proporcionando a eles [os alunos] o uso de uma ferramenta didática onde poderão criar objetos matemáticos que serão manipulados na tela do computador”.

Percebe-se, através destes escritos, certa propagação enunciativa que incorpora a utilização de tecnologias nas práticas de matemáticas escolares. Atribui-se ao uso de softwares dinâmicos a possibilidade de despertar o interesse, bem como o de motivar os alunos a desenvolverem, compreenderem e construir significados matemáticos através da interação do aluno com os objetos virtuais.

Nas análises que apresento, neste texto, utilizo como suporte teórico os escritos do pensador Michel Foucault sobre constituição do sujeito, formações discursivas e as *tecnologias do eu*, bem como as reflexões de Jorge Larrosa sobre *dispositivos pedagógicos*. Para tanto, organizo esta produção em três momentos. No primeiro momento, apresento o *locus* da pesquisa, os movimentos avaliativos que compõe as Engenharias Didáticas, bem como discuto esta metodologia de pesquisa empregada pelo Curso de Especialização. No segundo momento, realizo uma breve discussão acerca do conceito de *dispositivo pedagógico*. Por último, no terceiro momento, discuto que os ditos que emergem nas produções escritas dos alunos-professores, constituem-se como fragmentos discursivos que estabelecem determinados modos de se dizer e ver docente de matemática.

Delineando o locus da pesquisa

Meu foco de pesquisa é decorrente de minhas inquietações e observações durante minha experiência como Tutor a Distância do referido Curso de Especialização. Durante o ano de 2009 desenvolvia a tutoria no Pólo de Rosário do Sul, que continha inicialmente 31 alunos-professores matriculados. Durante as minhas vivências com este grupo de professores pude perceber que algumas inquietações em termos didático-pedagógicas se faziam sentir. Meu interesse na investigação dos modos de se dizer e ver professores intensificou-se na medida em que analisava e realizava as correções das Engenharias Didáticas – instrumento de avaliação do curso – produzidas pelos alunos-professores.

O curso segue a modalidade à distância, todas as aulas, os materiais e os recursos estão disponibilizados na plataforma Moodle, que serve como ambiente virtual de aprendizagem. Os professores e tutores atuam como mediadores do processo, e através deste ambiente virtual realizam suas contribuições. O curso tem dois objetivos principais:

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

- a atualização dos conhecimentos dos professores de matemática, **integrando o uso de mídias digitais na sala de aula;**
- b) a implementação de práticas pedagógicas inovadoras nas escolas, em particular **através do uso de mídias digitais.**

Da mesma forma, é importante verificarmos que a proposta do curso se organiza através da articulação de três componentes:

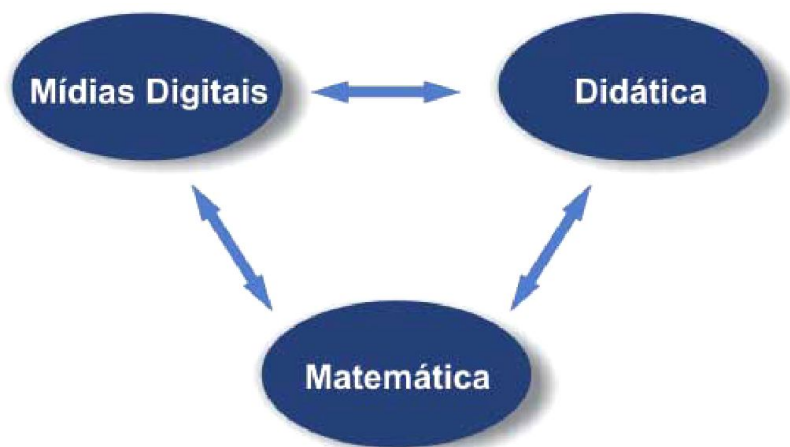


Figura 1 – Diagrama da proposta do Curso de Especialização

No componente “Mídias Digitais”, a introdução do uso de softwares, objetos de aprendizagem, vídeos e sites WEB desencadeiam a necessidade de trabalhar as competências matemáticas e as competências didáticas para, então, **se fazer um bom uso dos recursos propostos.**

No componente “Didática”, a introdução de metodologias de ensino desencadeia a **necessidade de trabalhar as competências matemáticas e o domínio no uso de mídias digitais** para, então, se fazer uma aplicação mais interessante destas metodologias de ensino. Isto significa a possibilidade de **ensinar e aprender Matemática em contextos mais relevantes e realistas.**

O componente “Matemática” ora comparece como uma **exigência para domínio das Mídias Digitais** nos seus conteúdos matemáticos subjacentes, ora comparece para **garantir interessantes aplicações** de metodologias de ensino e aprendizagem. Porém este componente também comparece como ponto de partida para, então, provocar o uso de Mídias Digitais ou o olhar da Didática.

Como vimos, a avaliação das disciplinas de Prática Docente envolve um procedimento denominado “*engenharia didática*”. A pesquisadora de Didática da Matemática Régine Douady caracteriza a Engenharia Didática como sendo:

(...) uma sequência de aula(s) concebida(s), organizada(s) no tempo, de forma coerente, por um professor-engenheiro para realizar um projeto de aprendizagem para uma certa população de alunos. No decurso das trocas entre professor e alunos,

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

o projeto evolui sob as reações dos alunos e em função das escolhas e decisões do professor (DOUADY *in* MACHADO, 2002, p. 198).

No entanto, é nos estudos de Michele Artigue que a metodologia da Engenharia Didática ganhou fôlego no campo da Educação Matemática no Brasil. Segundo a autora esta metodologia de pesquisa é utilizada, na França, desde a década de 80 nos estudos relativos à Didática da Matemática. O termo “engenharia” foi cunhado com o objetivo de comparar o trabalho didático com as etapas dos projetos de um engenheiro, que

para realizar um projeto preciso, se apóia sobre conhecimentos científicos de seu domínio, aceita submeter-se a um controle de tipo científico mas, ao mesmo tempo, se vê obrigado a trabalhar sobre objetos bem mais complexos que os objetos depurados da ciência e portanto a enfrentar praticamente, com todos os meios que dispõe, problemas que a ciência não quer ou não pode levar em conta (ARTIGUE *in* MACHADO, 2002, p. 198).

Sendo assim, considero que as Engenharias Didáticas podem ser vistas como avaliações “autorreflexivas”, pois considera densamente a qualidade e a profundidade da reflexão do aluno-professor. Sendo, portanto, um objeto empírico privilegiado para análise das produções dos modos de dizer e ver educação matemática o qual é o contexto das investigações que venho realizando.

A Engenharia Didática constituiu-se como metodologia de pesquisa, e é entendida como sendo uma ferramenta que auxilia a sistematizar uma prática de investigação das experiências desenvolvidas em sala de aula. Segundo Vera Garcia Carneiro, a origem da teoria da Engenharia Didática está em uma preocupação presente no domínio da educação, a questão da “ideologia da inovação”, assim como esta consiste em valorizar o saber prático do professor (2005).

Tomando como ponto de partida a reflexão necessária para a construção da Engenharia Didática verifico que a noção de prática reflexiva é entendida como um modo possível dos docentes interrogarem as próprias práticas pedagógicas que desenvolvem. Pois, a reflexão oferece a possibilidade do docente questionar as suas práticas e rever seus procedimentos metodológicos.

Sobre Dispositivo Pedagógico

De acordo com o autor Jorge Larrosa, no artigo *Tecnologias do Eu e Educação* (2008), a mediação pedagógica da experiência da pessoa consigo mesma nas práticas de formação do professorado pretende que os participantes problematizem, modifiquem a forma pela qual construíram sua identidade pessoal em relação ao trabalho profissional. De maneira que se pretende definir, formar e transformar um professor reflexivo, sendo este profissional capaz de examinar e reexaminar, regular e modificar constantemente tanto sua prática pedagógica quanto, sobretudo, a si mesmo. De uma outra maneira, podemos perceber que o formar e transformar não é apenas o que o docente faz ou o que ele sabe, mas fundamentalmente, sua própria maneira de ser em relação ao seu trabalho (p. 49-50).

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

Para Larrosa (2002) “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras” (p. 2). Nesta perspectiva pensar é, sobretudo, atribuir sentido ao que somos e ao que fazemos, bem como para aquilo que nos acontece. Todavia, a possibilidade de que algo nos toque, nos sensibilize e nos aconteça como experiência, requer:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo ao espaço (idem, p. 3).

No entendimento de Jorge Larrosa, a experiência apresenta fundamental e importante potencialidade formativa. Assim, a experiência é “aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos, forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (ibidem, p. 6).

Sendo assim, a incitação à reflexão presente nos escritos dos alunos-professores, em minha analítica, está sendo considerada como dispositivo que opera “tecnologias do eu”, tais como a escrita e a reflexão. Assim, compartilho com Larrosa (2008) que dispositivo seja qualquer lugar no qual se constitui ou se forma a experiência de si, ou aquelas práticas pedagógicas que medeiam a relação do sujeito consigo mesmo e que são orientadas à constituição ou à transformação da maneira como as pessoas se descrevem, se narram, se julgam.

Todavia é na discussão acerca do profissional reflexivo que emerge a promessa de que a prática da reflexão, no exame da consciência e no exercício do autoconhecimento, produziria sujeitos esclarecidos, conscientes e engajados.

*Práticas de si*², *técnicas de si*³ e *tecnologias do eu*⁴ são expressões que remetem a um conjunto de práticas de automodelamento ou de “artes da existência”. “São exercícios e meios pelos quais os indivíduos fixam regras para sua própria conduta e procuram, voluntária e refletidamente, sozinhos ou com a ajuda dos outros, agir sobre si mesmos, sobre seus pensamentos, seus corpos e suas almas, seus desejos e afetos, seus modos de ser, de pensar e de agir, a fim de transformar-se e de alcançar certos tipos de comportamentos, estados ou estágios almejados de pureza, de felicidade, de sabedoria, de existência, de racionalidade, de criticidade, etc.” (GARCIA, 2000, p. 87).

Na obra *Tecnologias del yo* (1995), Michel Foucault mostra que a preocupação que o sujeito tem em conhecer a si, de saber quem é, já estava presente desde o pensamento grego. Neste entendimento o filósofo considera que a busca pelo conhecimento de si era uma “conseqüente preocupação consigo mesmo, no mundo moderno o autoconhecimento constitui o princípio fundamental” (BUJES, 2002, p. 184).

² Dreyfus e Robinow (1995).

³ História da Sexualidade 2 e o Nascimento da Biopolítica.

⁴ Tecnologias Del yo y otros textos afins.

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

Nesse sentido, é importante considerarmos que esta preocupação com a autotransformação – disparada pela reflexão – pode atuar como modeladora/formadora/conformadora das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos investigados. De acordo com Maria Isabel Bujes (2002) as técnicas de si contribuem para constituir as práticas que incidem os sujeitos, tanto de modo a decifrar-se como de transformar-se.

Quando Foucault apresenta em suas investigações os modos como o sujeito se constitui, ele identifica que este processo, do qual “o sujeito estabelece uma relação consigo mesmo”, está diretamente associado das tecnologias do eu (IBIDEM, p. 184). Tais tecnologias do eu são percebidas por Foucault como sendo as práticas

que permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer outra forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1995, p. 48).

Portanto o que gostaria de verificar, mais adiante nesta comunicação, como o Curso de Formação Continuada de Professores está comprometido com certas políticas de verdade (regimes de verdade) e que de certa forma atuam como “fabricantes” de determinados tipos de professores de matemática.

Porém, segundo Bello (2010): “A prática pedagógica escolar não poderá ser vista como objeto de “análise em si”, [crítica às pedagogias críticas que tomam a prática pedagógica como lugar ou objeto de estudo] mas enquanto efeito de saberes e verdades que posicionam professores como sujeitos do discurso”. Sendo assim, é interessante se pensar a possibilidade de tal incitação à reflexão ser um *dispositivo pedagógico* capaz de operar o seu modo de ser professor através do autojulgamento de suas ações.

É pertinente destacarmos que tal incitação está, em grande parte, no interior da proposta de avaliação do Curso de Especialização ao considerar a profundidade da reflexão que o aluno-professor deve fazer ao escrever sua Engenharia Didática. Assim, é possível inferir que ao identificar, nos escritos presentes nas avaliações das práticas pedagógicas – certas recorrências e regularidades –, de alguma maneira conduzem os professores a um evidente direcionamento do pensamento, bem como para a repetição dos discursos vigentes tanto no Curso de Especialização como naqueles mobilizados pela Educação Matemática.

Certas Regularidades: me conduzem a pensar em Michel Foucault

É através da perspectiva dos pensamentos do teórico francês Michel Foucault e de autores afins, que podemos pensar a recorrência e regularidades de certos ditos e escritos que foram realizados pelos alunos-professores como constituindo enunciados, pois percebo que se trata de uma *materialidade repetível*. Essa perspectiva de possibilidade de repetição é apontada por Foucault em *Arqueologia do Saber*, quando o autor faz associação de enunciado com acontecimento:

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocuem, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2002, p.32).

Portanto, a partir da associação dessas noções foucaultianas e das recorrências enunciativas, que impõem à prática pedagógica de matemática a contextualização com o cotidiano, bem como incorpora o uso das ferramentas tecnológicas nos processos de ensino e aprendizagem, que foi possível compreender que a recorrência que estes enunciados apresentam pode constituir-se como *formações discursivas* da Educação Matemática. Tais formações discursivas são organizadas no interior de práticas sociais do curso de formação continuada, através de dispositivos que se configuram e delineiam em políticas de verdade. Estas políticas de verdade que estão presentes tanto no discurso da Educação Matemática como nos discursos promovidos pelo Curso de especialização, nos remetem para questões pertinentes de serem investigadas a partir da analítica discursiva de Michel Foucault.

Penso em Foucault (2001) quando este analisa que a construção do discurso deve ser observada a partir do lugar de onde se fala, de quem fala e de como esse discurso é percebido. Ou seja, observar a posição do professor, através da escrita, a partir da sua prática pedagógica, do seu dito, do seu escrito que promove saberes articulados e recorre ao uso de mídias como potencializador do seu fazer pedagógico.

Estes discursos foram e são constituídos durante suas histórias de vida, carregam marcas adquiridas ao longo das experiências vivenciadas na formação inicial, na trajetória profissional daquilo que ele entende por ser um “bom professor de matemática”. São discursos que estão “carregados” de verdades instituídas, imersos em jogos que disputam espaços para serem oficiais.

De tal maneira, compreendo que os professores de matemática se inserem nestes discursos através de um procedimento que acaba por impor aos “indivíduos que se pronunciam certo número de regras [...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 36-37).

Nos escritos dos alunos-professores ficam evidentes a existência de dois enunciados que circulam e se disseminam: a necessidade de articular diferentes saberes, bem como a de incorporar o uso de ferramentas tecnológicas nas práticas escolares. Tal recorrência enunciativa pode ser percebida como uma política de verdade. Do mesmo modo, este processo especifica formas de saber, tornando-se um discurso normativo e regulador das práticas pedagógicas docentes, instituindo, portanto, formas de ser sujeito.

Todavia, podemos inferir que tais discursos, neste caso o da pluralidade cultural e das novas tecnologias, são muito genéricos e abrangentes, da mesma forma que são

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

carregados de vontades de verdade. Com efeito, tais discursos podem criar modos de subjetivação docente. Sendo assim, este discurso, amplamente produzido e divulgado pela Educação Matemática “funciona como um conjunto de dispositivos e estratégias capazes de fabricar sujeitos” (Veiga-Neto, 2005).

Para Michel Foucault subjetivação seria “o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2006, p. 262).

Impressões acerca da constituição do sujeito aluno-professor

Este estudo teórico e empírico me possibilitou perceber que a experiência de si, através da incitação à reflexão, postas em funcionamento pelo Curso de Especialização em Matemática, configura-se como um dispositivo pedagógico. De tal modo que este dispositivo atua na constituição da subjetividade dos alunos-professores que atuam no curso. Deste entendimento, pude identificar que a prática de incitação à reflexão faz emergir alguns ditos e escritos “comuns” nas Engenharias Didáticas. Ao identificarmos o surgimento de materialidades linguísticas recorrentes e regulares percebemos o atravessamento de discursos circulantes em meio ao Curso de Especialização.

Dessa forma, é nessa perspectiva que dou continuidade às minhas investigações, de verificar em distintas produções teóricas, que remetem aos dois enunciados que se fizeram recorrentes, como o sujeito docente pode ser constituído, que discursos são incorporados nas suas práticas pedagógicas e que, por conseqüência, conduzem o seu fazer pedagógico. Para realizar tal exercício proponho-me a investigar, dentro dos jogos discursivos da Educação Matemática e da Informática na educação, quais as políticas de verdades que estão postas e como elas podem contribuir para a constituição do sujeito professor.

Enfim, ao desenvolver os propósitos acima citados, opto por utilizar a analítica foucaultiana como opção teórica, pois acredito ser um instrumental importante para dar conta das incertezas dos jogos discursivos circulantes da e na Educação Matemática. Tais incertezas são aquelas que, de alguma maneira, fixam e regulam as práticas pedagógicas dos docentes em formação continuada. De tal modo que impedem o sujeito docente de realizar seu próprio projeto, e fixam-no dentro de uma ordem da *sociedade da informação*. Por último, quero destacar que este esforço investigativo pode contribuir para a Educação Matemática no âmbito de se pensar novas, ou pelo menos outras, possibilidades do sujeito docente se constituir, além daquela que impõe a perpetuação da reflexão constante.

INCITAÇÃO À REFLEXÃO: a constituição do sujeito docente de matemática em Formação Continuada

Bibliografia e referências

- Bello, S. E. L. (2010). Jogos de linguagem, práticas discursivas e produção de verdade: contribuições para a Educação (Matemática) contemporânea. *Zetetiké*, 18(35), Cempem/FE-UNICAMP, número especial, (no prelo).
- Bujes, M. I. E. (2002). *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Carneiro, V. C. G. (2005). Engenharia Didática no Ensino de Geometria. *Zetetiké*, UNICAMP.
- Foucault, M. (1995). *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Ed. Paidós.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. (3ª ed.) São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2001). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2002). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006). O retorno da moral. In M. Foucault. In *Ética, Sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Garcia, M. M. A. (2000). *A função pastoral-disciplinar das pedagogias críticas*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* (19) , jan/abr., 20-28.
- Larrosa, J. (2008). Tecnologias do eu e Educação. In T. T. da Silva (Org.), *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. (6ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Machado, S. D. A. (2002). Engenharia Didática. In S. D. A. Machado et al., *Educação Matemática: uma introdução*. São Paulo: EDUC.
- Veiga-Neto, A. (2005). *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.